

CIPRIANO: O IMINENTE FIM DO MUNDO

Prof. Dr. Airto Ceolin Montagner (UFRRJ)

RESUMO:

Cipriano, atuante bispo de Cartago em difíceis tempos de grandes perseguições aos cristãos, compõe um texto, um discurso apologético, no qual se dirige ao pagão Dimitriano, defendendo os cristãos de acusações a eles imputadas como responsáveis pelas desgraças e dificuldades por que passava o Império Romano. Aborda a temática do fim do mundo de modo original invertendo as acusações que o poder público atribuía aos cristãos.

Palavras-chave: Cristianismo, perseguições, fim do mundo, religião.

Sempre, em todos os tempos, a temática do fim do mundo povoa a imaginação dos homens. O “fim dos tempos” é utilizado em ciência, em religião e em outros campos da atividade humana. Estudos cosmológicos são realizados pelos cientistas para desvendar a origem do mundo e a expansão do universo; por outro lado, muitos filósofos admitem que certas ideias e ações poderão levar à destruição da vida sobre o planeta. Talvez a ideia mais fascinante sobre o tema advém da escatologia (do gr. *eskatós*, último, + *logia*, estudo, discurso), um ramo da teologia e da filosofia que trata dos últimos acontecimentos da história do mundo ou do destino final do gênero humano, denominado fim do mundo. Tal evento costuma ser uma profecia contida no livro sagrado, como é o caso do Apocalipse de João, ou na tradição oral. Tal expressão constitui até mesmo o título de uma telenovela: O Fim do Mundo.

Justino, martirizado em 130 depois de Cristo, fazia crer que Deus retardara o fim do mundo para que o Cristianismo se tornasse a religião universal. Cecílio Cipriano, sobre o qual tratamos nesta pequena exposição, acreditava que os pecados dos cristãos eram o prenúncio e a prova de que o fim dos dias estava iminente. Havia até mesmo datas determinadas para este fim, como é o caso daqueles que recorreram a algumas tradições judaicas determinando que o dia fatal haveria de ocorrer na Sexta Idade do Mundo, ou seja, o ano 202 d.C. Mas esse dia passou sem que nada acontecesse e outras datas sucessivas foram fixadas.

Em 481, o rei Clóvis I foi coroado rei dos franceses, convertendo-se ao cristianismo. Então, alguns autores católicos marcaram o ano de 500 como a data final. Como isso mais uma vez não aconteceu, deixou-se de lado a ideia de que o apocalipse iminente fosse um dos fundamentos do cristianismo. Todavia, em épocas posteriores

reaviva-se a ideia, já não entre os cristãos, mas em inúmeras seitas e religiões e seitas ou crenças, com inúmeras datas, sempre frustradas pela não ocorrência do evento. Basta recordar uma discussão recente sobre o calendário maia que teria previsto o fim dos tempos para dezembro de 2012. São incontáveis as razões postas para a ocorrência desse fim. Falarei aqui da ideia em voga na época em que viveu Cipriano, quando o cristianismo lutava por sua sobrevivência e expansão no Império.

Inicialmente, há necessidade de uma ressalva: há na igreja Católica dois santos com o nome de São Cipriano. Um é conhecido como O Feiticeiro, celebrado no dia 2 de outubro. Dedicou boa parte de sua vida ao estudo das ciências ocultas, mas após conhecer a jovem Justina, converteu-se ao catolicismo. Martirizado e canonizado, sua popularidade excedeu a fé cristã devido ao famoso Livro Negro de São Cipriano, um compilado de rituais de magia. O outro é o São Cipriano sobre o qual discorreremos a seguir.

Tásccio Cecílio Cipriano era bispo de Cartago, sua terra natal, nos difíceis tempos das perseguições comandadas por Décio, em 249. Segundo um edito desse imperador, todos os habitantes deviam provar sua lealdade político-religiosa perante uma comissão do governo, que atestava com um certificado sua adesão de fidelidade ao imperador.. Foi quando Cipriano deixou Cartago e refugiou-se numa comunidade nos arredores da cidade, permanecendo escondido até 251, quando a perseguição entra em recesso. Todavia, o edito causou imensos estragos à comunidade cristã, visto que grande quantidade dos cristãos cedeu. Eram então conhecidos como *lapsi*, do verbo *labor*, os caídos / renegados. Acabadas as perseguições, muitos pensaram ser novamente acolhidos com seu retorno à cristandade. Todavia, sofreram a oposição de um grupo de cristãos fiéis à Igreja. Cipriano, juntamente com Cornélio, bispo de Roma, assume posição moderada a respeito, aceitando a remissão desde que fossem cumpridas severas penitências.

Em 252, quando irrompe uma terrível epidemia de peste, cuja culpa é atribuída aos cristãos, justificando assim a grande perseguição empreendida por Valeriano e Galieno. Cipriano é preso e exilado. Em quatorze de setembro de 260 é levado a Cartago e decapitado.

Cipriano figura entre os apologistas, juntamente com Minúcio Felix, Arnóbio e Tertuliano, o autor do *Apologeticum* (Discurso de defesa). A apologia é uma literatura típica dos primeiros séculos do Cristianismo. O termo apologia deriva do grego e significa precisamente discurso de defesa.

A obra de Cipriano resulta basicamente da reelaboração escrita das suas exposições orais dirigidas aos cristãos de Cartago e refletem as situações quase sempre turbulentas que acometeram os cidadãos. Os próprios títulos refletem isso, a saber: *De lapsis*, *De ecclesiae catholicae unitate* (A unidade da igreja católica), *De mortalitate* (A epidemia), *Ad Fortunatum de exortationem martyrii* (A Fortunato: exortação ao martírio). Outras publicações estão ligadas ao exercício do seu ministério episcopal como: *De dominica oratione* (A oração do Senhor), um comentário ao Pai Nosso, *De habitu virginum* (A conduta das virgens), *De opere et eleemosynis* (As boas obras e as esmolas), *De bono patientiae* (A virtude da paciência). Muito importante também é o *Epistolarium*, que contém 81 cartas, das quais 65 são de Cipriano. Através delas podemos tomar preciosas informações sobre as condições de vida na África até a metade do século III e sobre os problemas causados à Igreja pelas perseguições.

Ad Donatum (A Donato), é uma obra apologética dirigida a um amigo recém-convertido ao cristianismo. Nela, o batismo é apresentado como o nascimento para uma nova vida e como libertação da mentalidade pagã que torna o homem escravo da vaidade e da corrupção.

Por fim, sua mais eminente obra apologética intitula-se *Ad Demetrianum* (A Demetriano), provavelmente escrita em 253. Nela, Cipriano refuta energicamente as acusações impingidas aos cristãos e atribui as calamidades que afligem o império (as guerras, a carestia, a peste) à imoralidade humana e às leis naturais de envelhecimento do universo. Exorta os pagãos a mudarem de vida, convertendo-se ao cristianismo.

Entre os argumentos que Cipriano arrola para defender os cristãos da acusação de serem responsáveis pelas calamidades que afligiam o seu tempo, porque abandonaram o culto das antigas divindades, está o do progressivo envelhecimento do mundo e do conseqüente destino do universo. Observa que os sinais dos tempos já se manifestam através da corrupção moral, nas mudanças climáticas, na crise da agricultura e no exaurimento das fontes naturais.

A tónica do fim é uma derivação clássica, oriunda de Hesíodo em *Trabalhos e dias*, quando narra o mito das cinco idades do mundo. Vivendo a Idade de Ferro, triste, oprimida, dolorosa a humanidade aguardaria o fim dessa Era para que retorne uma nova Idade de Ouro, que ora seria permanente. Essa ideia foi introduzida na literatura latina por Lucrécio, no segundo livro do *De rerum natura*. Na época, difundia-se entre os estoicos a ideia do ciclo, no qual os elementos nascem, crescem, atingem ao apogeu e depois decrescem e findam.

E já agora está o tempo sem forças, já a terra cansada mal cria os animais pequenos, ela que criou todas as espécies e produziu, gerando-os, os corpos enormes dos animais bravios.

... foi ela quem primeiro, espontaneamente, criou para os mortais as luzentes searas e os vinhedos pingues, foi ela quem produziu os frutos saborosos e os abundantes pastos; e tudo isto cresce mal, apesar dos nossos trabalhos, em que esgotamos os bois e as forças dos lavradores. Gastamos o ferro e o campo mal recompensa, tanto é avaro dos frutos, tão grande é o esforço que ele exige (“Da natureza...” s.d., p 112.)

O ciclo final seria marcado pela *ekpýrosis*, a conflagração universal, cuja degeneração extrema provocaria o retorno de um novo ciclo, processo conhecido como *apokatàstesis*, isto é, a palingênese (*palin* retorno + *gene* (origem) + *se* (sufixo) – referindo-se à teoria do eterno retorno, os ciclos.

Cipriano retoma este tópico num momento de muito pessimismo e de extrema preocupação com os destinos do império, ao mesmo tempo ligando o tema ao da ira divina, que despontará com o aproximar-se o fim dos tempos. Em 248, celebrou-se com extraordinárias festividades o milênio da fundação de Roma, evento em que o estado propagava que havia chegado a uma época de *felicitas* e de *ubertas* (felicidade e fartura). A reação de Cipriano investe contra a crise no campo moral, contra um mundo que vive e de tudo desfruta intensamente. Transcreveremos a seguir o trecho de *Ad Demitrianum*, 3-5, para que o leitor possa realizar sua própria avaliação sobre o tema e até possa verificar a atualidade do exercício da crítica:

(3) Disseste que todas essas desventuras das quais agora o mundo é golpeado e atormentado aconteceriam por nossa causa e a nós deveriam ser imputadas, porque não honramos os vossos deuses. A este propósito, tu, embora não conheças Deus e vives na escuridão da verdade, deverias saber antes de tudo que o mundo já está envelhecido, que não se rege mais com aquelas forças sobre as quais se apoiava antes e que não tem mais o vigor e a galhardia que tinha há algum tempo. O próprio mundo o diz, mesmo se nós não falássemos e não apresentássemos as provas admoestadoras das sagradas Escrituras e das predições divinas, e atesta sua passagem com a evidente decadência de tudo: não há mais as chuvas do inverno, tão necessárias para nutrir as sementes, não há mais o calor habitual para amadurecer bem as colheitas no verão, nem as primaveras são serenamente viçosas pelo clima que lhes era próprio, nem assim como antes os outonos são férteis de frutos. Dos montes escavados e atormentados extraem-se sempre menos as lajes de mármore, as minas já desfrutadas extraem sempre menos prata e ouro, e os

filões empobrecidos se exaurem dia após dia; e diminuem e faltam nos campos os agricultores, no mar os marinheiros, os soldados nos acampamentos, a retidão na vida pública, a justiça no tribunal, a concórdia nas amizades, a perícia nas atividades práticas, os bons princípios nos costumes. Tu pensas que um organismo, cuja constituição está envelhecendo, possa manter-se tal qual se manifestava nele uma juventude fresca e vigorosa? Não pode não enfraquecer todo o ser que, aproximando-se já a sua morte, declina para a definitiva passagem: assim, os raios do sol no ocaso dão menos luz e calor, assim a foice da lua minguante se afina até desaparecer; e a árvore, antes verdejante e rica de frutos, torna-se estéril, os ramos secam, e é feio quando envelhecem; e a fonte, que com fartura borbulhava transbordantes vertentes, quando se enfraquece pela velhice, manda para fora a custo poucas gotas. É vontade de Deus, e é a sua lei para o mundo, que todas as coisas, depois de terem surgido, passem, e chegando a maturidade, envelhecem, e os fortes enfraquecem, e os grandes se apequenam; e, quando se tenham tornado débeis e pequenos, estinguem-se.

(4) Atribuis aos cristãos o fato de que, no envelhecimento geral do mundo, tudo se parte e cai: mas então os velhos também poderiam atribuir aos cristãos a culpa de que na velhice têm menos força na velhice, que não tem mais como tinham antes, em plena posse do ouvido, das pernas, da vista, das suas energias, da capacidade de assimilar o alimento e do vigor de todos os membros, e que, enquanto a vida do homem durava longo tempo, até oitocentos e novecentos anos, agora com dificuldade alcança uma centena. Agora vemos as cãs também entre os jovencinhos, os cabelos agora caem antes de crescer, e a vida não se conclui com a velhice, mas com a velhice começa: desde seu primeiro nascimento todo ser se apressa para a morte; tudo o que agora nasce corrompe-se pela velhice do próprio mundo: de tal modo que ninguém deveria maravilhar-se de que tudo no mundo esteja para vir menos, visto que o próprio mundo está esgotado e próximo do fim.

(5) Que, pois, as guerras sigam com repetida frequência, que a carestia e a fome tornem-se sempre mais angustiosas, que a saúde seja sacudida pela exasperação das doenças, que a estirpe humana seja assolada pelo massacre da peste, saiba que também isto foi predito: que nos últimos tempos se multiplicam os males, e as desventuras são de vários tipos e, aproximando-se já o dia do juízo, o rigor e o desdém de Deus crescem sempre mais para atingir o gênero humano. Estes males acontecem, enfim, não porque os vossos deuses não são honrados por nós, como proclamais vociferando com lamentações sem fundamento de verdade alguma, mas porque Deus não é honrado por vós. Sendo

ele senhor e governador do universo, e tudo acontecendo por sua vontade e consenso, nada pode acontecer que ele não tenha produzido e permitido; pois que acontecem no mundo desventuras que indicam quanto grandemente Deus é desprezado, certamente essas não acontecem por causa de nós, que honramos justamente a Deus, mas dEle são infinitas e as culpas de vós, que não procurais absolutamente nem temeis a Deus, nem desejais conhecer a verdadeira religião, abandonando as vãs superstições, de modo que Deus, que é único para todos, seja honrado e propagado como tal por todos.

Como se pode observar no texto, ao abordar o tema do envelhecimento do mundo e o seu fim, há um firme propósito de defesa da religião cristão (apologia) e ao mesmo tempo o tom moralístico implacável na crítica às ações humanas.

Depois de Cipriano, os temores do iminente fim do mundo se intensificam, quando Roma é invadida e saqueada por Alarico. Gerônimo dirá que o mundo caiu - *cadit mundus (Ezechielem, VIII, praef.)*, mas, em Sermones 81,9, Agostinho dirá *Roma castigata, non deleta* (Roma é castigada, não destruída). O grande mestre cartaginês exortará que não é preciso preocupar-se com tais coisas, mas apontará para a renovação interior de cada um.

BIBLIOGRAFIA:

CONTE, Gian Biagio; PIANEZZOLA, Emilio. *Storia e testi della letteratura latina con pagine critiche*. Firenze: Le Monnier, 1995.

EPICURO E LUCRÉCIO. *O epicurismo e “da Natureza”*. Prefácio, notas e tradução de Agostinho da Silva; estudos introdutórios de E. Joyau e G. Ribbeck, Introdução de Ivan Lins. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d.

GARBARINO, Giovanna. *Storia e testi della letteratura latina*. Torino: Paravia Bruno Mondadori Editori, 2001.

MARIOTTI, Italo. *Letteratura latina: storia e testi*. Bologna: Zanichelli, 1989.

TERTULLIANO, Q. S. F. *La resurrezione della carne*, a cura di Pietro Podolack. Brescia: Editrice Morcelliana, 2004.